Universidade Federal de São Carlos – Campus Sorocaba
Programa de Pós-Graduação em Educação
ANAIS DE COLOQUIOS DE POLÍTICAS E GESTÃO DA EDUCAÇÃO
ISSN: 2674 - 8630

Relatos de Experiência: Eixo 10 – Formação de Professores

PROGRAMA ERÊS – CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA EM EDUCAÇÃO INFANTIL, INFÂNCIAS E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA COMO PROFESSORA FORMADORA

Karina Elizabeth Serrazes – IFSULDEMINAS/Muzambinho[1]

Resumo: O trabalho apresenta um relato de experiência como professora formadora no curso de extensão Programa Erês da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), ofertado na modalidade a distância, entre os meses de maio e dezembro de 2024 e voltado à formação de professoras(es) que atuam na educação infantil. O curso teve como objetivo fornecer instrumentos teórico-metodológicos para o fortalecimento da implementação das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que dispõem sobre a valorização da cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo da educação básica. Foi desenvolvido em módulos e suas respectivas vivências formativas pela plataforma *Moodle,* com o apoio de l*ives* temáticas via Youtube e encontros síncronos pelo *Jitsi Meet* com temáticas e atividades voltadas à desconstrução do racismo e a valorização da diversidade na escola. O relato de experiência como professora formadora deste curso visa compartilhar reflexões acerca da importância da formação continuada de professores(as) da educação infantil na perspectiva da educação antirracista e também das possibilidades e desafios de desenvolvê-la na modalidade a distância. As narrativas dos(as) participantes do curso indicaram que as experiências de aprendizagem vivenciadas possibilitaram a compreensão de conceitos-base, o reconhecimento e a exploração do patrimônio cultural brasileiro e sua aplicação em práticas pedagógicas antirracistas.

Palavras-chave: Professores da Educação Infantil. Formação Continuada. Educação Das Relações Étnico-Raciais.

Introdução

O presente trabalho resultou de uma experiência como professora formadora em um curso de extensão na modalidade a distância na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Esse curso de extensão com carga horária total de 180 horas foi ofertado entre os meses de maio e dezembro de 2024 e voltado para a formação de professoras(es) que atuam nas instituições públicas e privadas de educação infantil do Estado de Minas Gerais e também de outros estados do país.

O Programa Erês, que este ano está com uma nova edição, visa o fortalecimento da implementação das leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008, que dispõem sobre a educação

[1]. Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista (UNESP - Campus Araraquara). Docente efetiva no IFSULDEMINAS/Muzambinho. Vice líder do GEPLAGE - Grupo de Estudos e Pesquisas Estado, Políticas, Planejamento, Avaliação e Gestão da Educação, UEMG- Passos, vinculado ao CNPq. E-mail: karina.serrazes@muz.ifsuldeminas.edu.br. Link do Lattes: http://lattes.cnpq.br/3933515742546674.

antirracista, por intermédio da valorização da cultura africana, afro-brasileira e indígena no currículo da educação básica.

A participação no curso ocorreu como professora formadora bolsista por meio de um edital promovido pela Pró-reitoria de Extensão – PROEX/UEMG, que previa como atribuições da função: a implementação do curso de extensão e o desenvolvimento da docência em um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) na plataforma *Moodle*, a elaboração de planos de trabalhos e o acompanhamento das atividades dos(as) tutores(as) estudantes bolsistas de graduação, bem como a orientação, supervisão e avaliação desses(as) estudantes no desenvolvimento de seu trabalho, dentre outras.

Tendo em vista essa experiência, esse trabalho visa apresentar um relato pautado em uma abordagem qualitativa, exploratória e descritiva, a partir da observação participante e da análise dos diálogos e interações ocorridas ao longo do processo formativo no Programa Erês, atravessado por reflexões acerca da importância da formação continuada de professores(as) em educação infantil, infâncias e educação das relações étnico-raciais e também das possibilidades e desafios de desenvolvê-la na modalidade a distância.

Materiais e métodos

O Programa Erês foi idealizado no contexto da UEMG, unidade acadêmica de Ibirité e a equipe de trabalho contou com um coordenador, uma vice coordenadora, 9 docentes conteudistas, responsáveis pela elaboração das ementas e planejamento das vivências formativas, 25 professores(as) formadores(as) e 25 tutores(as) estudantes de graduação bolsistas, responsáveis pela mediação, além de dois estudantes que atuaram na produção dos designers e duas bolsistas, que apoiaram a coordenação geral.

O curso foi organizado em três módulos com três vivências formativas cada, sendo que cada um desses módulos foi desenvolvido em um período de dois meses com as seguintes temáticas: fundamentos sobre relações étnico-raciais na educação infantil, jogos, brincadeiras e brinquedos africanos, afro-brasileiros e indígenas na educação infantil e poéticas antirracistas na educação infantil e seus respectivos subtemas o que é uma educação antirracista para a infância, seus princípios e fundamentos, infância negra e indígena, territórios, culturas e educação, jogos, brincadeiras e brinquedos africanos, afro-brasileiros e indígenas na educação infantil, musicalização, letramento e arte na infância e cultura africana, afro-brasileira e indígena. Os materiais de estudo tinham formatos variados tais como textos teóricos, vídeos, documentários, filmes, literatura infantil e imagens e a ludicidade foi o eixo norteador das vivências formativas propostas.

Os materiais e atividades do curso foram elaborados e/ou selecionados pelos(as) professores(as) conteudistas bolsistas e disponibilizados no ambiente virtual de

aprendizagem (AVA) na plataforma *Moodle*, para que os(as) participantes pudessem acessá-los e professores(as) formadores(as) e tutores(as) pudessem orientar, mediar, interagir e esclarecer as dúvidas em cada um dos módulos e vivências formativas, promovendo um ambiente de troca de experiências, reflexões e práticas pedagógicas antirracistas. Cada módulo contou também com o apoio de uma live temática desenvolvida pelos(as) professores(as) conteudistas e seus(uas) convidados(as), muitos deles(as) pesquisadores(as) da área, realizada via *Youtube* e de um encontro síncrono desenvolvido pelos(as) professores(as) formadores(as) e estudantes tutores(as) por meio do *Jitsi Meet*.

Ao final de cada vivência formativa foram propostos exercícios reflexivos, que visavam promover a interação teoria e prática no contexto da educação infantil e da realidade escolar de cada participante do curso. Esses exercícios reflexivos eram socializados via ferramenta fórum na plataforma *Moodle* e se constituíam de elaboração de mapa conceitual, relatos da vivência dos estudos de cada conteúdo proposto, fotos, descrição e análise crítica das atividades desenvolvidas com as crianças nas escolas, além da discussão das temáticas propostas em cada vivência formativa.

E como trabalho final do curso cada participante deveria apresentar um plano de aula com uma proposta de situação de aprendizagem na perspectiva da educação antirracista para ser desenvolvida na educação infantil. Essas atividades foram mediadas e interpeladas por *feedbacks* e intervenções e posteriormente avaliadas, pelos professores(as) formadores(as) e estudantes tutores(as) com o apoio dos professores(as) conteudistas e coordenadores(as) do curso.

Para alcançar a certificação no Programa Erês, os(as) cursistas deveriam participar de no mínimo 60% das atividades previstas, incluindo lives, encontros síncronos, exercícios reflexivos e trabalho final.

Os planos de aula entregues como trabalho final foram avaliados e em seguida, selecionados a partir dos critérios de relevância, aplicabilidade e contribuição significativa para uma educação antirracista na educação infantil para compor um drive, disponibilizado para consulta do público em geral.

Como apoio aos participantes, o curso Programa Erês contava, ainda, com um grupo de *WhatsApp* geral de avisos e orientações, além do grupo específico com cada professor(a) formador(a) e tutor(a) estudante bolsista para mediação do trabalho formativo.

A coleta de dados para esse relato de experiência foi realizada a partir da observação participante durante a mediação no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), nos grupos de *WhatsApp,* nos encontros síncronos, lives temáticas e da análise das interações ocorridas nesses espaços. Foram analisadas as principais discussões, trocas de experiências e problemáticas relatadas pelos(as) participantes, objetivando identificar seu engajamento e compreensão dos conteúdos propostos e a percepção das potencialidades e desafios do

desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracistas na educação infantil nos diferentes contextos. A análise qualitativa desses dados permitiu identificar essas percepções, assim como a construção de suas perspectivas docentes no decorrer do curso.

Discussão dos resultados

O termo Erês que denomina o programa/curso de extensão de formação continuada analisado se refere aos espíritos infantis ou crianças espirituais nas religiões afro-brasileiras como a umbanda e o candomblé, representando a alegria, a pureza e a sabedoria ancestral da infância e fazendo alusão à importância de pensarmos as práticas pedagógicas na educação infantil na perspectiva de uma educação antirracista, tendo em vista as especificidades do desenvolvimento físico, cognitivo, emocional e social das crianças nessa fase e nosso contexto social marcado por desigualdades, preconceitos e discriminações.

Além disso, o termo nos remete à dimensão e ao valor da infância e da docência na Educação Infantil como primeira etapa da educação básica, período no qual se estabelecem as bases cognitivas, emocionais e sociais para o desenvolvimento futuro das crianças, construindo identidade e autonomia e que pode promover um trabalho pedagógico antirracista, capaz de superar estereótipos, ressignificar e valorizar a diversidade, pois como afirmam Motta, Araújo e Maia "[...] reparações podem ser feitas, aos poucos e com respeito, na prática docente (2021, p.3)."

E ainda, sendo o docente um agente essencial no processo de ensino-aprendizagem das crianças na educação infantil, a reflexão a respeito da formação continuada de seus(suas) professores(as) ganha ainda mais relevância, pois analisar e discutir suas propostas e vivências formativas nos possibilitam encontrar novos caminhos para aprimorá-las, pois

> [...] se queremos lutar contra o racismo, precisamos re-educar a nós mesmos, as nossas famílias, às escolas, às(aos) profissionais da educação, e a sociedade como um todo. Para isso, precisamos estudar, realizar pesquisas e compreender mais sobre a história da África e da cultura afro-brasileira e aprender a nos orgulhar da marcante, significante e respeitável ancestralidade africana no Brasil, compreendendo como esta se faz presente na vida e na história de negros, índios, brancos e amarelos brasileiros (Gomes, 2005, p. 49).

Dessa forma, o programa/curso de extensão de formação continuada contou com 25 turmas com 108 cursistas cada, totalizando 2700 participantes. A maioria dos cursistas era de professores(as) da educação infantil do estado de Minas Gerais, de diferentes regiões, de redes públicas e privadas, mas também tivemos participantes de outros 21 estados do Brasil. Além dos professores(as) havia vários gestores, sendo coordenadores(as) pedagógicos(as), diretores(as), supervisores(as) e pedagogos(as). Essa heterogeneidade dos(as) participantes

se apresentou como potencialidade, trazendo uma maior gama de experiências e perspectivas a serem compartilhadas, somadas aos desafios, que enriqueceram a trajetória formativa da equipe organizadora e dos(as) próprios participantes do curso, à medida que foram adotadas abordagens diferenciadas para tentar atender os diferentes perfis.

Na turma que acompanhamos como professora formadora a maioria dos(as) participantes era do estado de São Paulo, mas havia também cursistas do estado de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Mato Grosso do Sul. Iniciamos a turma com 108 participantes e ao longo das vivências formativas, os(as) cursistas foram compartilhando suas experiências, dificuldades, perspectivas e percepções sobre as temáticas abordadas e principalmente sobre as possibilidades de efetivá-las na prática de sala de aula.

O primeiro desafio identificado no curso foi o da conectividade e do acesso a dispositivos adequados, pois vários(as) participantes relataram dificuldades em participar dos encontros síncronos e lives temáticas por causa da conectividade limitada, outros enfrentaram dificuldades com a utilização de aplicativos como o *Jitsi Meet*, mas destacaram a importância de sua utilização para que pudessem aprender e desenvolver habilidades. Na tentativa de superar essas barreiras, o programa/curso disponibilizou tutoriais e materiais em diferentes formatos e as lives eram gravadas para facilitar o acesso dos(as) participantes.

Essas dificuldades técnicas se somaram aos relatos de falta de tempo, problemas de saúde, questões familiares e profissionais, dentre outras, que resultaram em uma evasão considerável de participantes, cerca de 20%, embora a mediação da professora formadora e do tutor bolsista tenha sido constante e a busca ativa tenha conseguido reestabelecer algumas participações. Nesse processo de busca ativa e mediação identificamos que havia muito interesse na temática e reconhecimento da relevância da proposta formativa, porém a falta de disponibilidade para o envolvimento com o curso naquele momento, resultou em desistências.

Outro desafio essencial identificado no decorrer do curso foi a aceitação e a familiaridade dos(as) cursistas com a temática étnico-racial, pois muitos relataram interesse e curiosidade, mas destacavam a falta de conhecimento prévio em relação aos seus conteúdos, inclusive com algumas demonstrações de estranhamento ao discutir algumas questões relacionadas às religiões de matrizes africanas.

Nas lives temáticas e encontros síncronos de forma geral os(as) participantes demonstraram reconhecer a importância do trabalho pedagógico com a diversidade e apresentaram empolgação com o conhecimento das histórias, músicas e jogos e brincadeiras indígenas, africanas e afro-brasileiras, por exemplo, mas ressaltavam insegurança para lidar com as questões étnico-raciais com seus(as) estudantes e suas famílias no cotidiano das escolas.

E mais, em algumas livres e encontros síncronos tivemos alguns comentários inadequados e até depreciativos em relação às religiões de matrizes africanas, que desvelaram as diferentes facetas do racismo estrutural que vivenciamos.

Nesses momentos os(as) responsáveis pela atividade formativa buscaram promover espaços de acolhimento e reflexão, fazendo intervenções e buscando dialogar com os(as) participantes, sendo que muitos deles contribuíram positivamente na discussão, destacando a importância de conhecermos mais sobre essas religiões para vencer os preconceitos.

Essas situações nos proporcionaram reflexões a respeito da efetividade dos cursos de formação continuada de professores(as), que precisam focar em estratégias que possibilitem o desenvolvimento de um olhar crítico, o repensar de concepções e práticas educativas e o fomento de relações sociais mais respeitosas e equitativas, pois como afirma Gatti et. al. (2019, p. 35) os processos formativos devem promover "[…] a formação de pessoas em valores, atitudes, relações construtivas, colaborativas, ou seja, a formação como pessoas que partilham responsabilidades [...]"

Nessa perspectiva, ao longo das vivências formativas, a coordenação geral do programa/curso incentivou a equipe a promover discussões cada vez mais acessíveis e inclusivas para atender a diversidade dos(as) participantes, e ao mesmo tempo, discussões desafiadoras, para que cada um(a) pudesse avançar em seu próprio ritmo de aprendizagem (Gouvea, Alves do Valle; Ferreira da Silva; Oliveira Alves, 2024).

Essas estratégias de mediação provavelmente contribuíram para o impacto positivo do programa/curso, identificado nos comentários dos(as) participantes, na autoavaliação e também nos exercícios reflexivos e planos de aula apresentados ao final, pois foi perceptível a incorporação de vários elementos das culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas nas falas, nos relatos das práticas desenvolvidas e nas situações de aprendizagem propostas, o que demonstra o enriquecimento de seu repertório pedagógico.

Assim, a vivência como professora formadora no programa/curso demonstrou que os objetivos da proposta foram cumpridos, pois o curso teve uma relevante aceitação e engajamento dos(as) participantes, contribuindo para a ampliação de seus conhecimentos sobre as temáticas africana, afro-brasileira e indígena e a promoção de ferramentas e materiais para que os(as) professores(as) possa planejar e executar aulas e atividades que combatam o racismo, valorizem a diversidade e incentivem o respeito às diferenças. E ainda, os desafios enfrentados no decorrer dessas vivências formativas foram superados pelo trabalho coletivo e colaborativo da equipe e pela interação entre os(as) participantes, a partir da escuta ativa e do acolhimento para lidar com as questões identitárias e culturais.

Considerações finais

O Programa Erês de formação continuada de professores(as) da educação infantil evidenciou a importância do processo formativo em Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER), em especial na educação infantil, promovendo discussões e reflexões em relação às especificidades da aprendizagem na infância e à valorização da diversidade na escola e oferecendo instrumentos teórico-metodológicos para o enfrentamento do racismo dentro e fora da sala de aula.

Os relatos dos(as) professores(as) participantes do curso demonstraram que a experiência foi significativa, pois muitos deles passaram a incluir referenciais africanos, afro-brasileiros e indígenas nas atividades cotidianas e a repensar os materiais e as estratégias utilizadas em sala de aula na perspectiva de garantir o reconhecimento e a valorização da diversidade no ambiente escolar.

Além disso, as narrativas indicaram que as experiências de aprendizagem vivenciadas no programa/curso possibilitaram a compreensão de conceitos-base tais como raça, racismo, liberdade religiosa, identidade étnico-racial, ancestralidade, resistência e consciência sobre a cultura negra e indígena, o reconhecimento e a exploração do patrimônio cultural brasileiro e sua aplicação em práticas pedagógicas antirracistas.

O envolvimento desses(as) professores(as) com as temáticas do programa/curso apontou que a abordagem, as estratégias e a mediação desenvolvidas foram adequadas e que é possível sim desenvolver uma formação continuada sensível e consistente na modalidade a distância, explorando as potencialidades da interação.

E mais, os resultados significativos do programa/curso sinalizam que os(as) professores(as) são agentes essenciais no processo de transformação da educação e que o desenvolvimento de práticas pedagógicas antirracistas desde a educação infantil contribui para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana.* Brasília, DF: SECAD, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf. Acesso em: 28 ago. 2025.

GATTI, B. A. et al. *Professores do* Brasil: novos cenários de formação. Brasília: Unesco, 2019.

GOMES, N. L. *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.* In: Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

GOUVEA, L. R.; ALVES DO VALLE, M. C.; FERREIRA DA SILVA, O. H.; OLIVEIRA ALVES, R. Formação de professoras da Educação Infantil para Educação das Relações Étnico-Raciais: Analisando o Programa Erês da UEMG. *CIAS. Direitos Humanos e Educação*, *[S.*

I.], v. 7, n. 2, p. 63–83, 2024. DOI: 10.36704/sdhe.v7i2.9252. Disponível em: https://revista.uemg.br/sciasdireitoshumanoseducacao/article/view/9252. Acesso em: 29 ago. 2025.

MOTTA, J. P.; ARAUJO, S. C.; MAIA, M. V. C. M. O lúdico na prática docente decolonial. *Ensino em Perspectivas,* Fortaleza, v. 3, n. 2, p. 1-11, 2021. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/6437. Acesso em: 26 ago. 2025.

MUNANGA, K. (Org*.) Superando o Racismo na Escola*. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SILVA, P. B. G. Aprender, ensinar e relações étnico-raciais no Brasil. *Revista Educação*, Porto Alegre, v. 63, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/2745/2092>. Acesso em: 28 ago. 2025.

WALSH, C. *Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver*. In: CANDAU, Vera Maria (org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.